POESIAS LYRICAS DE LUIZ DE CAMÕES
1880

Poesias Lyricas

DE

LUIZ DE CAMÕES

EDIÇÃO BRAZILEIRA COMMEMORATIVA

DO

TERCEIRO CENTENARIO

10 de junho de 1880

(22 de S. Paulo de 92)

RIO DE JANEIRO

A Mr. Ferdinand Denis.

Hommage du Comité Brésilien pour l'organisation des fêtes du 3e Centenaire de la mort de Camoens, à Rio de Janeiro.

Poesias Lyricas

DE

LUIZ DE CAMÕES

Poesias Lyricas

DE

LUIZ DE CAMÕES

Edição Brazileira Commemorativa

DO

TERCEIRO CENTENARIO

10 de junho de 1880

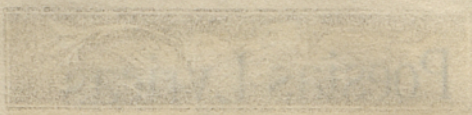
(22 de S. Paulo de 92)

RIO DE JANEIRO

SONETOS

II

I

De amor escrevo, de amor trato e vivo;
De amor me nasce amar sem ser amado;
De tudo se descuida o meu cuidado,
Quanto não seja ser de amor captivo:

De amor que a lugar alto voe altivo,
E funde a gloria sua em ser ousado;
Que se veja melhor purificado
No immenso resplandor de um raio esquivo.

Mas ai que tanto amor só pena alcança!
Mais constante ella, e elle mais constante,
De seu triumpho cada qual só trata.

Nada, emfim, me aproveita; que a esperança,
Se anima alguma vez a hum triste amante
Ao perto vivifica, ao longe mata.

II

Sempre a Razão vencida foi de Amor;
Mas, porque assi o pedia o coração,
Quiz Amor ser vencido da Razão,
Ora que caso póde haver maior!

Novo modo de morte, e nova dor!
Estranheza de grande admiração!
Pois em fim, seu vigor perde affeição,
Porque não perca a pena o seu vigor.

Fraqueza, nunca a houve no querer;
Mas antes muito mais se esforça assim
Hum contrario com outro por vencer.

Mas a razão que a luta vence, em fim,
Não creio que he razão; mas deve ser
Inclinação que eu tenho contra mim.

III

Vós, que de olhos suaves e serenos,
Com justa causa a vida captivais,
E que os outros cuidados condemnais
Por indevidos, baixos e pequenos;

Se de Amor os domesticos venenos
Nunca provastes, quero que sintais
Que he tanto mais o amor despois que amais,
Quanto são mais as causas de ser menos.

E não presuma alguem que algum defeito,
Quando na cousa amada se apresenta,
Possa diminuir o amor perfeito;

Antes o dobra mais; e se atormenta,
Pouco a pouco desculpa o brando peito;
Que Amor com seus contrários se accrescenta.

VI

Amor he hum fogo que arde sem se vêr ;
He ferida que doe e não se sente ;
He hum contentamento descontente ;
He dôr que desatina sem doer ;

He hum não querer mais que bem querer ;
He solitario andar por entre a gente ;
He hum não contentar-se de contente ;
He cuidar que se ganha em se perder ;

He hum estar-se prêso por vontade ;
He servir a quem vence o vencedor ;
He hum ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar póde o seu favor
Nos mortaes corações conformidade,
Sendo a si tão contrario o mesmo Amor ?

V

De quantas graças tinha a natureza
Fez hum bello e riquissimo thesouro;
E com rubis e rosas, neve e ouro,
Formou sublime e angelica belleza.

Poz na boca os rubis, e na pureza
Do bello rosto as rosas, por quem mouro;
No cabello o valor do metal louro;
No peito a neve, em que a alma tenho accesa.

Mas nos olhos mostrou quanto podia,
E fez delles hum sol, onde se apura
A luz mais clara que a do claro dia.

Em fim, Senhora, em vossa compostura,
Ella a apurar chegou quanto sabía
De ouro, rosas, rubis, neve e luz pura.

VI

De tantas perfeiçoens a natureza
 Formou, dama gentil, vossa figura,
 Que sois divina no mundo em formosura,
 E divina na graça e gentileza;

De modo que tal he vossa lindeza,
 Tal a graça que em vós tanto se apura,
 Que não ha dama em si tanto segura,
 Que ante essa vossa cuide ter belleza;

A natureza humana se esmerou
 Em vos formar tão linda e graciosa,
 Quão graciosa e linda vos formou;

E para vos fazer mais gloriosa,
 Depois de vos formar, logo jurou
 De não fazer mais cousa tão formosa.

VII

Hum mover de olhos, brando e piedoso,
Sem vêr de que ; hum riso brando e honesto,
Quasi forçado ; hum doce e humilde gesto,
De qualquer alegria duvidoso ;

Hum despejo quieto e vergonhoso ;
Hum repouso gravissimo e modesto ;
Huma pura bondade, manifesto
Indicio da alma, limpo e gracioso ;

Hum encolhido ousar ; huma brandura ;
Hum medo sem ter culpa ; hum ar sereno
Hum longo e obediente soffrimento ;

Esta foi a celeste formosura
Da minha Circe, e o magico veneno
Que pôde transformar meu pensamento.

VIII

Presença bella, angelica figura,
Em quem quanto o Ceo tinha nos tẽe dado,
Gesto alegre, de rosas semeado,
Entre as quaes se está rindo a Formosura:

Olhos, onde tẽe feito tal mistura
Em crystal puro o negro marchetado,
Que vemos ja no verde delicado
Não esperança, mas inveja escura:

Brandura, aviso, e graça, que augmentando
A natural belleza co'hum desprezo,
Com que mais desprezada mais se augmenta:

São as prizões de um coração, que prêzo,
Seu mal ao som dos ferros vai cantando,
Como faz a serêa na tormenta.

IX

Quando se vir com agua o fogo arder,
Juntar-se ao claro dia a noite escura,
E a terra collocada lá na altura
Em que se veem os céos prevalecer;

Quando Amor á Razão obedecer,
E em todos fôr igual huma ventura,
Deixarei eu de vêr tal formosura,
E de a amar deixarei depois de a ver.

Porém não sendo vista esta mudança
No mundo, porque, em fim, não póde ver-se,
Ninguem mudar-me queira de querer-vos.

Que basta estar em vós minha esperança,
E o ganhar-se a minha alma, ou o perder-se,
Para dos olhos meus nunca perder-vos.

X

Se me vem tanta gloria só de olhar-te,
He pena desigual deixar de ver-te;
Se presumo com obras merecer-te,
Grão paga de um engano he desejar-te.

Se aspiro por quem és a celebrar-te;
Sei certo por quem sou que hei de offender-te;
Se mal me quero a mim por bem querer-te,
Que premio querer posso mais que amar-te?

Porque hum tão raro amor não me soccorre?
Oh humano thesouro! oh doce gloria!
Ditoso quem á morte por ti corre!

Sempre escripta estarás nesta memoria;
E esta alma viverá, pois por ti morre,
Porque ao fim da batalha he a victoria.

XI

Quando o sol encoberto vai mostrando
Ao mundo a luz quieta e duvidosa,
Ao longo de huma praia deleitosa,
Vou na minha inimiga imaginando.

Aqui a vi os cabellos concertando;
Alli co'a mão na face, tão formosa;
Aqui fallando alegre, alli cuidosa;
Agora estando quêda, agora andando.

Aqui esteve sentada, alli me vio,
Erguendo aquelles olhos, tão isentos;
Commovida aqui hum pouco, alli segura.

Aqui se entristeceo, alli se rio:
E, em fim, nestes cansados pensamentos
Passo esta vida vãa, que sempre dura.

XII

Vi queixosos de Amor mil namorados,
E nenhum inda vi com seus louvores;
E aquelle que mais chora o mal de amores,
Vejo menos fugir de seus cuidados.

Se das dôres de Amor sois mal tratados,
Porque tanto buscais de Amor as dôres?
E se tambem as tendes por favores,
Porque dellas fallais como aggravados?

Não queirais alegria achar algũa
No Amor, porque he composto de tristeza,
Na fortuna que acheis mais agradavel.

Nella e nelle achei sempre a mesma lua,
Em quem nunca se vio outra firmeza,
Que não seja a de ser sempre mudavel.

XIII

Como quando do mar tempestuoso
O marinheiro todo trabalhado,
De hum naufragio cruel salvando a nado,
Só de ouvir fallar nelle está medroso :

Firme jura que o vê-lo bonançoso
Do seu lar o não tire socegado ;
Mas esquecido já do horror passado,
Delle a fiar se torna cobiçoso :

Assi, Senhora, eu que da tormenta
De vossa vista fujo, por salvar-me,
Jurando de não mais em outra vêr-me ;

Com a alma que de vós nunca se ausenta,
Me tórno, por cobiça de ganhar-me,
Onde estive tão perto de perder-me.

XIV

Nunca em amor damnou o atrevimento ;
Favorece a Fortuna a ousadia ;
Porque sempre a encolhida covardia
De pedra serve ao livre pensamento.

Quem se eleva ao sublime Firmamento,
A estrella nelle encontra, que lhe he guia ;
Que o bem que encerra em si a phantasia
São humas illusões que leva o vento.

Abrir-se devem passos á ventura ;
Sem si proprio ninguem será ditoso ;
Os principios sómente a sorte os move.

Atrever-se he valor, e não loucura,
Perderá por covarde o venturoso
Que vos vê, se os temores não remove.

XV

Se algum'hora essa vista mais suave
Acaso a mi volveis, em hum momento
Me sinto com hum tal contentamento,
Que não temo que damno algum me aggrave.

Mas quando com desdem esquivo e grave
O bello rosto me mostrais isento,
Huma dôr provo tal, hum tal tormento,
Que muito vem a ser que não me acabe.

Assi está minha vida, ou minha morte
No volver de esses olhos; pois podeis
Dar co'huma volta delles morte, ou vida:

Ditoso eu, se o Céo quer, ou minha sorte,
Que ou vida, para dar-vo-la, me deis,
Ou morte, para haver morte querida!

XVI

Julga-me a gente toda por perdido,
Vendo-me, tão entregue a meu cuidado,
Andar sempre dos homens apartado,
E de humanos commercios esquecido.

Mas eu, que tenho o mundo conhecido,
E quasi que sôbre elle ando dobrado,
Tenho por baixo, rustico, e enganado
Quem não é com meu mal engrandecido.

Vá revolvendo a terra, o mar e o vento,
Honras busque e riquezas a outra gente,
Vencendo ferro, fogo, frio e calma.

Que eu por amor sómente me contento
De trazer esculpido eternamente
Vosso formoso gesto dentro da alma.

XVII

Lindo e subtil trançado, que ficaste
Em penhor do remedio que mereço,
Se só comtigo, vendo-te, endoudeço,
Que fôra co'os cabellos que apertaste?

Aquellas tranças de oiro que ligaste,
Que os raios do sol têe em pouco preço,
Não sei se ou para engano do que peço,
Ou para me matar as desataste.

Lindo trançado, em minhas mãos te vejo,
E por satisfação de minhas dôres,
Como quem não têe outra, hei de tomar-te.

E se não fôr contente o meu desejo,
Dir-lhe-hei que nesta regra dos amores
Por o todo, tambem se toma a parte.

XVIII

Ditoso seja aquelle que sómente
 Se queixa de amorosas esquivanças;
 Pois por ellas não perde as esperanças
 De poder n'algum tempo ser contente.

Ditoso seja quem estando ausente
 Não sente mais que a pena das lembranças;
 Porque inda que se tema de mudanças,
 Menos se teme a dôr quando se sente.

Ditoso seja, em fim, qualquer estado,
 Onde enganos, desprezos e isenção
 Trazem hum coração atormentado;

Mas triste quem se sente magoado
 De erros em que não póde haver perdão,
 Sem ficar na alma a magoa do peccado.

XIX

Sete annos de pastor Jacob servia
Labão, pae de Raquel, serrana bella;
Mas não servia ao pae, servia a ella,
Que a ella só por premio pertendia.

Os dias na esperança de hum só dia
Passava, contentando-se com vel-a;
Porém o pae, usando de cautella,
Em logar de Raquel lhe deo a Lia.

Vendo o triste Pastor que com enganos
Assi lhe era negada a sua Pastora,
Como se a não tivera merecida;

Começou a servir outros sete annos,
Dizendo: Mais servira, se não fôra
Para tão longo amor tão curta a vida.

XX

Ondados fios de ouro reluzente,
Que agora da mão bella recolhidos,
Agora sôbre as rosas esparzidos
Fazeis que a sua graça se accrescente;

Olhos, que vos moveis tão docemente,
Em mil divinos raios incendidos,
Se de cá me levais a alma e sentidos,
Que fôra, se eu de vós não fôra ausente?

Honesto riso, que entre a mór fineza
De perlas e coraes nasce e apparece;
Oh quem seus doces ecos já lhe ouvisse!

Se imaginando só tanta belleza,
De si com nova gloria a alma se esquece,
Que será quando a vir? Ah! quem a visse!

XXI

Conversasão doméstica affeiçoa,
Ora em fórma de limpa e sã vontade,
Ora de huma amorósa piedade,
Sem olhar qualidade de pessoa.

Se depois, por ventura, vos magôa
Com desamor e pouca lealdade,
Logo vos faz mentira da verdade
O brando amor, que tudo, em fim, perdoa.

Não são isto que fallo conjecturas
Que o pensamento julga na apparencia,
Por fazer delicadas escripturas.

Metida tenho a mão na consciencia,
E não fallo senão verdades puras
Que me ensinou a viva experiencia.

XXII

O tempo acaba, o anno, o mez, e a hora,
A força, a arte, a manha, a fortaleza,
O tempo acaba a fama, e a riqueza,
O tempo o mesmo tempo de si chora ;

O tempo busca, e acaba o onde mora
Qualquer ingratidão, qualquer dureza,
Mas não póde acabar minha tristeza,
Em quanto não quizerdes vós, Senhora.

O tempo o claro dia torna escuro,
E o mais ledo prazer em choro triste.
O tempo a tempestade em grão bonança ;

Mas de abrandar o tempo estou seguro
O peito de diamante, onde consiste
A pena, e o prazer desta esperança.

XXIII

Que doudo pensamento he o que sigo ?
Apoz que vão cuidado vou correndo ?
Sem ventura de mi ! que não me entendo ;
Nem o que callo sei, nem o que digo.

Pelejo com quem trata paz comigo ;
De quem guerra me faz não me defendo.
De falsas esperanças que pertendo ?
Quem do meu proprio mal me faz amigo ?

Porque, se nasci livre, me captivo ?
E pois o quero ser, porque o não quero ?
Como me engano mais com desenganos ?

Se ja desesperei, que mais espero ?
E se inda espero mais, porque não vivo ?
E se vivo, que accuso mortaes danos ?

XXIV

Coitado! que em hum tempo chóro e rio;
Espero e temo, quero e aborreço;
Juntamente me allegro e me entristeço;
Confio de huma cousa e desconfio.

Vôo sem azas; estou cego e guio;
Alcanço menos no que mais mereço;
Então fallo melhor, quando emmudeço;
Sem ter contradição sempre porfio.

Possivel se me faz todo o impossivel;
Intento com mudar-me estar-me quedo;
Usar de liberdade e ser captivo;

Queria visto ser, ser invisivel;
Vêr-me desenredado, amando o enredo:
Taes os extremos são com que hoje vivo!

XXV

Gostos falsos de amor, gostos fingidos,
Gostos vãos sempre limitados,
Gostos grandes quando imaginados,
Gostos pequenos quando possuidos;

Inda não alcançados ja perdidos,
Inda não começados ja acabados,
Inconstantes, mudaveis, apressados,
Aparecidos e desaparecidos.

Ja vos perdi, e perdi a esperança
De vos cobrar, agora só queria
Com vosco se acabasse esta lembrança.

Que se me cança a vida e a fantezia,
Viver de vós tão longe, mais me cança
Lembrar-me o tempo que vos possuia.

XXVI

Onde porei meus olhos que não veja
A causa de que nasce o meu tormento?
A qual parte me irei co'o pensamento,
Que para descansar parte me seja?

Ja sei como se engana quem deseja
Em vão amor, fiel contentamento;
E que nos gostos seus, que são de vento,
Sempre falta seu bem, seu mal sobeja.

Mas inda, sobre o claro desengano,
Assi me traz esta alma sobjugada,
Que delle está pendendo o meu desejo.

E vou de dia em dia, de anno em anno,
Apoz um não sei que, apoz hum nada,
Que quanto mais me chego, menos vejo.

XXVII

Hum firme coração posto em ventura ;
Hum desejar honesto que se engeite
De vossa condição, sem que respeite
A meu tão puro amor, a fé tão pura ;

Hum ver-vos de piedade e de brandura
Sempre inimiga, faz-me que suspeite
Se alguma Hyrcana fera vos deo leite,
Ou se nascestes de huma pedra dura.

Ando buscando causa, que desculpe
Crueza tão estranha ; porém quanto
Nisso trabalho mais, mais mal me trata.

Donde vem, que não ha quem nos não culpe ;
A vós, porque matais quem vos quer tanto,
A mim, por querer tanto a quem me mata.

XXVIII

Busque Amor novas artes, novo engenho
Para matar-me, e novas esquivanças;
Que não póde tirar-me as esperanças,
Pois mal me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho!
Vêde que perigosas seguranças!
Pois não temo contrastes nem mudanças,
Andando em bravo mar, perdido o lenho.

Mas com quanto não póde haver desgôsto
Onde esperança falta, lá me esconde
Amor um mal, que mata e não se vê.

Que dias ha que na alma me tee posto
Hum não sei que, que nasce não sei onde;
Vem não sei como; e doe não sei porque.

XXIX

Mil vezes determino não vos ver,
Por vêr se abranda mais o meu penar :
E se cuido de assi me magoar,
Cuidai o que será, se houver de ser.

Pouco me importa já muito soffrer,
Depois que Amor me pôz em tal lugar ;
E o que inda me doe mais he só cuidar,
Que mal sem esta dôr posso viver.

Assi não busco eu cura contra a dor,
Porque, buscando alguma, entendo bem
Que nesse mesmo ponto me perdi.

Quereis que viva, em fim, neste rigor ?
Sómente o querer vosso me convem.
Assi quereis que seja ? Seja assi.

XXX

Eu me aparto de vós, Nymphas do Tejo,
Quando menos temia esta partida;
E se a minha alma vai entristecida,
Nos olhos o vereis com que vos vejo.

Pequenas esperanças, mal sobejo,
Vontade que razão leva vencida,
Presto verão o fim á triste vida,
Se vos não torno a vêr como desejo.

Nunca a noite entretanto, nunca o dia,
Verão partir de mi vossa lembrança;
Amor, que vai comigo, o certifica.

Por mais que no tornar haja tardança,
Me farão sempre triste companhia
Saudades do bem que em vós me fica.

XXXI

Brandas águas do Tejo que, passando
Por estes verdes campos que regais,
Plantas, hervas, e flores, e animais,
Pastores, Nymphas, ides alegrando;

Não sei, (ah doces aguas!) não sei quando
Vos tornarei a vêr; que mágoas tais,
Vendo como vos deixo, me causais,
Que de tornar ja vou desconfiando.

Ordenou o destino, desejoso
De converter meus gostos em pezares,
Partida que me vai custando tanto.

Saudoso de vós, delle queixoso,
Encherei de suspiros outros ares,
Turbarei outras águas com meu pranto.

XXXII

Doces e claras águas do Mondego,
 Doce repouso de minha lembrança,
 Onde a comprida e perfida esperança
 Longo tempo apoz si me trouxe cego,

De vós me aparto, si; porém não nego
 Que inda a longa memoria, que me alcança,
 Me não deixa de vós fazer mudança,
 Mas quanto mais me alongo, mais me achego.

Bem poderá a Fortuna este instrumento
 Da alma levar por terra nova e estranha,
 Offerecido ao mar remoto, ao vento.

Mas a alma, que de cá vos acompanha,
 Nas azas do ligeiro pensamento
 Para vós, águas, vôa, e em vós se banha.

XXXIII

Tẽe feito os olhos neste apartamento
Hum mar de saudosa tempestade,
Que póde dar saudade á saudade,
Sentimentos ao proprio sentimento.

Em dôr vai convertido o soffrimento,
Em pena convertida a piedade ;
A razão tão vencida da vontade,
Qu'escravo faz do mal o entendimento.

A lingua não alcança o qu'a alma sente
E assi, se alguem quizer em algum'hora
Saber que cousa he dôr não comprehendida,

Parta-se do seu bem, porque exprimente
Qu'antes de se partir, melhor lhe fôra
Partir-se do viver para ter vida.

XXXIV

Aquelles claros olhos que chorando
Ficavão quando delles me partia,
Agora que farão? quem mo diria?
Se por ventura estarão em mi cuidando?

Se terão na memoria, como ou quando
Delles me vi tão longe de alegria?
Ou se estarão aquelle alegre dia
Que torne a vellos, n'alma figurando?

Se contarão as horas e os momentos?
Se acharão n'hum momento muitos annos?
Se fallarão com as aves e com os ventos?

Oh! bemaventurados fingimentos
Que nesta ausencia, tão doces enganos,
Sabeis fazer aos tristes pensamentos!

XXXV

De cá, donde sómente o imaginar-vos
A rigorosa ausencia me consente,
Sobre as azas de Amor, ousadamente
O mal soffrido esprito vai buscar-vos.

E se não receára de abrazar-vos
Nas chammas que por vossa causa sente,
Lá ficára comvosco, e vós presente,
Aprendêra de vós a contentar-vos.

Mas, pois que estar ausente lhe he forçado,
Por Senhora, de cá, vos reconhece,
Aos pés de imagens vossas inclinado.

E pois védes a fé que vos offrece,
Ponde os olhos, de lá, no seu cuidado,
E dar-lhe-heis inda mais do que merece.

XXXVI

Quando a suprema dôr muito me aperta,
Se digo que desejo esquecimento,
He fôrça que se faz ao pensamento,
De que a vontade livre desconcerta.

Assi de êrro tão grave me desperta
A luz do bem regido entendimento,
Que mostra ser engano, ou fingimento,
Dizer que em tal descanso mais se acerta.

Porque essa propria imagem, que na mente
Me representa o bem de que careço,
Faz-mo de hum certo modo ser presente.

Ditosa he, logo, a pena que padeço,
Pois que da causa della em mi se sente
Hum bem que, inda sem vêr-vos, reconheço.

XXXVII

No mundo quiz o Tempo que se achasse
O bem que por acêrto, ou sorte vinha;
E por exprimentar que dita tinha,
Quiz que á fortuna em mi se exprimentasse.

Mas porque o meu destino me mostrasse
Que nem ter esperanças me convinha,
Nunca nesta tão longa vida minha
Cousa me deixou vêr que desejasse.

Mudando andei costume, terra, estado,
Por vêr se se mudava a sorte dura,
A vida puz nas mãos de hum leve lenho.

Mas, segundo o que o Ceo me tẽe mostrado,
Ja sei que deste meu buscar ventura
Achado tenho ja que não a tenho.

XXXVIII

Oh como se me alonga de anno em anno
A peregrinação cansada minha!
Como se encurta, e como ao fim caminha
Este meu breve e vão discurso humano!

Mingoando a idade vai, crescendo o dano;
Perdeo-se-me hum remedio, que inda tinha:
Se por experiencia se adivinha,
Qualquer grande esperança he grande engano.

Corro apóz este bem que não se alcança,
No meio do caminho me fallece;
Mil vezes caio, e perco a confiança.

Quando elle fuge, eu tardo; e na tardança,
Se os olhos ergo a vêr se inda apparece,
Da vista se me perde, e dá esperança.

XXXIX

Mudão-se os tempos, mudão-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança:
Todo o mundo he composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vêmos novidades,
Differentes em tudo da esperança:
Do mal ficão as mágoas na lembrança,
E do bem (se algum houve) as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
Que ja coberto foi de neve fria,
E em mi converte em chôro o doce canto.

E afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mór espanto,
Que não se muda ja como sohia.

XL

Já do Mondego as aguas apparecem
A meus olhos, não meus, antes alheios,
Que de outras differentes vindo cheios,
Na sua branda vista inda mais crecem.

Parece que tambem forçadas decem,
Segundo se detem em seus rodeios.
Triste! por quantos modos, quantos meios,
As minhas saudades me entristecem!

Vida de tantos males salteada,
Amor a põe em termos, que duvida
De conseguir o fim desta jornada.

Antes se dá de todo por perdida,
Vendo que não vai da alma acompanhada,
Que se deixou ficar onde tẽe vida.

XLI

Fermoso Tejo meu quam differente
Te vejo e vi, me ves agora e viste
Turvo te vejo a ti, tu a mim triste,
Claro te vi eu ja, tu a mim contente ;

A ti foi-te trocando a grossa enchente
A quem teu largo campo não resiste,
A mim trocou-me a vista em que consiste
Meu viver contente ou descontente.

Ja que somos no mal participantes
Sejamo-lo no bem, ah quem me dera
Que fossemos em tudo semelhantes.

Lá virá então a fresca primavera
Tu tornaras a ser quem eras dantes,
Eu não sei se serei quem dantes era.

XLII

Com o tempo o prado secco reverdece,
Com o tempo cahe a folha ao bosque umbroso,
Com o tempo pára o rio caudeloso,
Com o tempo o campo pobre se enriquece,

Com o tempo hum louro morre, outro florece,
Com o tempo hum he sereno, outro invernoso,
Com o tempo foge o mal duro e penoso,
Com o tempo torna o bem ja quando esquece,

Com o tempo faz mudança a sorte avara,
Com o tempo se aniquila hum grande estado,
Com o tempo torna a ser mais eminente.

Com o tempo tudo anda, e tudo pára,
Mas só aquelle tempo que he passado
Com o tempo se não faz tempo presente.

XLIII

Eu cantei ja, e agora vou chorando
O tempo que cantei tão confiado:
Parece que no canto ja passado
Se estavão minhas lagrimas criando.

Cantei; mas se me alguem pergunta, quando?
Não sei; que tambem fui nisto enganado.
He tão triste este meu presente estado,
Que o passado por ledo estou julgando.

Fizerão-me cantar manhosamente
Contentamentos não, mas confianças
Cantava, mas ja era ao som dos ferros.

De quem me queixarei, se tudo mente?
Porém que culpa ponho ás esperanças,
Onde a fortuna injusta he mais qu' os erros?

XLIV

Ar, que de meus suspiros vejo cheio;
Terra, cansada ja com meu tormento;
Ágoa, que com mil lagrimas sustento;
Fogo, que mais accendo no meu seio;

Em paz estais em mim; e assi o creio,
Sem esse ser o vosso proprio intento;
Pois em dôr onde falta o soffrimento,
A vida se sostem por vosso meio.

Ai imiga Fortuna! ai vingativo
Amor! a que discursos por vós venho,
Sem nunca vos mover com minha mágoa!

Se me quereis matar, para que vivo?
E como vivo, se contrarios tenho
Fogo, Fortuna, Amor, Ar, Terra e Ágoa?

XLV

Que poderei do mundo ja querer,
Pois no mesmo em que puz tamanho amor,
Não vi senão desgôsto e desfavor,
E morte, em fim; que mais não póde ser?

Pois me não farta a vida de viver,
Pois ja sei que não mata grande dor,
Se houver cousa que mágoa dê maior,
Eu a verei; que tudo posso ver.

A morte, a meu pezar, me assegurou
De quanto mal me vinha: ja perdi
O que perder o medo me ensinou.

Na vida desamor sómente vi,
Na morte a grande dôr que me ficou:
Parece que para isso só nasci.

XLVI

Pois meus olhos não cansão de chorar
Tristezas não cansadas de cansar-me;
Pois não se abranda o fogo em que abrazar-me
Póde quem eu jamais pude abrandar;

Não canse o cego Amor de me guiar
Onde nunca de lá possa tornar-me;
Nem deixe o mundo todo de escutar-me,
Em quanto a fraca voz me não deixar.

E se em montes, se em prados, e se em valles
Piedade mora alguma, algum amor
Em feras, plantas, aves, pedras, agoas;

Oução a longa historia de meus males,
E curem sua dôr com minha dôr;
Que grandes mágoas podem curar mágoas.

XLVII

Doces lembranças da passada gloria,
Que me tirou Fortuna roubadora,
Deixai-me descansar em paz hum'hora,
Que comigo ganhais pouca victoria.

Impressa tenho na alma larga historia
Deste passado bem, que nunca fôra;
Ou fôra, e não passára: mas ja agora
Em mi não póde haver mais que a memoria.

Vivo em lembranças, morro de esquecido
De quem sempre devêra ser lembrado,
Se lhe lembrára estado tão contente.

Oh quem tornar pudéra a ser nascido!
Soubera-me lograr do bem passado,
Se conhecer soubera o mal presente.

XLVIII

Onde acharei lugar tão apartado,
E tão isento em tudo da ventura,
Que, não digo eu de humana criatura,
Mas nem de feras seja frequentado?

Algum bosque medonho e carregado,
Ou selva solitaria, triste e escura,
Sem fonte clara, ou placida verdura;
Em fim, lugar conforme a meu cuidado?

Porque alli nas entranhas dos penedos,
Em vida morto, sepultado em vida,
Me queixe copiosa e livremente.

Que, pois a minha pena he sem medida,
Alli não serei triste em dias ledos,
E dias tristes me farão contente.

XLIX

Quando os olhos emprégo no passado,
De quanto passei me acho arrependido;
Vejo que tudo foi tempo perdido,
Que todo emprêgo foi mal empregado.

Sempre no mais damnoso mais cuidado;
Tudo que mais cumpria, mal cumprido;
De desenganos menos advertido
Fui, quando de esperanças mais frustrado.

Os castellos que erguia o pensamento,
No ponto que mais altos os erguia,
Por esse chão os via em hum momento.

Que erradas contas faz a phantasia!
Pois tudo pára em morte, tudo em vento,
Triste o que espera! triste o que confia!

L

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Ceo eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento Ethereo, onde subiste,
Memoria desta vida se consente,
Não te esqueças de aquelle amor ardente,
Que ja nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que póde merecer-te
Algũa cousa a dôr que me ficou
Da mágoa, sem remedio, de perder-te;

Roga a Deos que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

LI

O dia, hora em que nasci moura e pereça,
Não o queira jamais o tempo dar,
Não torne mais ao mundo, e se tornar
Eclipse nesse passo o sol padeça.

A luz lhe falte, o sol se escureça,
Mostre o mundo signaes de se acabar,
Nação-lhe monstros, sangue chova o ar,
A mãi ao proprio filho não conheça.

As pessoas pasmadas de ignorantes,
As lagrimas no rosto, a cor perdida,
Cuidem que o mundo ja se destruio.

Oh gente temerosa, não te espantes,
Que este dia deitou ao mundo a vida
Mais desgraçada que jamais se vio!

ELEGIAS

I

Aquelle mover de olhos excellente,
Aquelle vivo espirito inflammado
Do crystallino rosto transparente ;
Aquelle gesto immoto e repousado,
Qu'estando n'alma propriamente escrito,
Não póde ser em verso trasladado ;
Aquelle parecer, que he infinito
Para se comprender d'engenho humano ;
O qual offendo em quanto tenho dito ;
Tanto a inflamar-me vem d'hum doce engano,
E tanto a engrandecer-me a phantasia,
Que não vi maior glória que meu dano.
O bem-aventurado seja o dia
Em que tomei tão doce pensamento,
Que de todos os outros me desvia !

E bem-aventurado o soffrimento
Que soube ser capaz de tanta pena,
Vendo que o foi da causa o entendimento!
Faça-me quem me mata, o mal que ordena,
Trate-me com enganos, desamores;
Qu'então me salva, quando me condena.
E se de tão suaves desfavores
Penando vive hum'alma consumida,
Oh que doce penar! que doces dores!
E se huma condição endurecida
Tambem me nega a morte por meu dano,
Oh que doce morrer! que doce vida!
E se me mostra hum gesto lindo humano,
Como que de meu mal culpada se acha,
Oh que doce mentir! que doce engano!
E s'em querer-lhe tanto ponho tacha,
Mostrando refrear o pensamento,
Oh que doce fingir! que doce cacha!
Assi que ponho ja no soffrimento
A parte principal de minha glória,
Tomando por melhor todo tormento.
Se sinto tanto bem só co'a memoria
De ver-vos, linda Dama, vencedora;
Que quero eu mais que ser vossa victoria?

Se tanto a vossa vista mais namora,
Quanto eu sou menos para merecer-vos;
Que quero eu mais que ter-vos por senhora?
Se procede este bem de conhecer-vos,
E consiste o vencer em ser vencido,
Que quero eu mais, Senhora, que querer-vos?
S'em meu proveito faz qualquer partido,
Só na vista d'huns olhos tão serenos,
Que quero eu mais ganhar que ser perdido?
Se, em fim, os meus espritos, de pequenos,
A merecer não chegão seu tormento,
Que quero eu mais, que o mais não seja menos?
A causa, pois, m'esforça o soffrimento;
Porque, a pezar do mal que me resiste,
De todos os trabalhos me contento;
Que a razão faz a pena alegre, ou triste.

Belisa, unico bem desta alma triste,
Descanso singular de minha vida,
Throno donde o poder d'Amor consiste ;
Formosa fera, a quem está rendida
D'Amor a que he mais livre liberdade,
Ganhada mais, se mais por ti perdida ;
Quão contrario parece na beldade,
Que os corações captiva com brandura,
Alguma nodoa haver de crueldade !
Quão contrario parece em formosura,
Que deixa muito atraz quanto he humano,
Esquiva condição, ou alma dura !
Quão mal parece em quem só co'hum engano
Póde dar vida ao coração sujeito,
Dar-lhe, em lugar de vida, hum mortal dano !

Quão mal parece que hum amor perfeito
Nada seja d'outro igual remunerado,
Inda que seja, acaso, contrafeito!

Quão mal parece estar desesperado
Quem tanto por ti soffre e tẽe soffrido,
Devendo estar de penas alliviado!

Porém peor parece quem rendido
Não for a hum parecer que tudo rende,
Por mais qu'em seu rigor viva offendido.

E ainda peor parece quem defende
O ser essa belleza sempre amada,
Por mais qu'em vão se canse o que a pretende.

Se quem te mostra amor te desagrada,
Só pódes pretender o não ser vista,
Mas não despois de vista o ser deixada.

Quão mal sabe o valor de tua vista
Quem cuida que o que della acaso alcança
Póde achar coração que lhe resista!

Quão bem pareceria huma esperança
Ja concedida a meu amor ardente,
Não sempre huma mortal desconfiança!

Se hum padecer por ti constantemente
Pudesse ser reparo a quem mais te ama,
Inda esperar pudera o ser contente.

Mas eu temo que aquella immensa châma
Com que a teu bello imperio me levaste,
Te enfrie tanto a ti, quanto m'inflama.
Se a Olympica belleza assi imitaste,
Que brandamente move hum amor puro,
Porque tão dura condição tomaste?
Qual elevado, qual soberbo muro
Este mal, que m'occupa o pensamento,
Contado, não tornára menos duro?
Tu, qu'és a causa só de meu tormento,
Tu, que sómente pódes gloriar-me,
Queres que as minhas queixas leve o vento?
Tu, que me pagarias com matar-me,
Inda a morte me negas vezes tantas?
Ai, que me deras vida em morte dar-me!
Usa piedade, tu, que o mundo espantas
Co'os bellos olhos, com que o douras tanto,
Se acaso a vê-lo brandos os levantas.
Estende-se na terra o negro manto,
E á noute dá alegria a luz alheia;
Mas nos meus olhos tristes dura o pranto.
Torna a manhãa depois alegre e cheia
Da luz que o chôro enxuga á bella Aurora;
Mas do meu chôro nunca enxuga a veia.

Lagrimas ja não são qu'esta alma chora;
Mas amor he vital que dentro arde,
E por a luz dos olhos salta fóra.
Como inda a morte quer que mais aguarde?
Não tarda ja, mas corra a mal tão fero.
Mas ja por mais que corra virá tarde.
Nem no supremo trance de ti spero
Qu'inda com ver o estado em que me has posto
Queiras, crua, entender quanto te quero.
Ai! se volveres esse bello rosto
Ao lugar triste em que morrer me vires,
Não por desgosto teu, mas por teu gosto;
Não quero de ti, não, que alli suspires,
Nem que de dar-me a morte te arrependas,
Mas que os olhos de ver-me então não tires.
Assi nunca pastor a quem te rendas,
Te faça conhecer o que me fazes,
Para que com teu mal meu mal entendas!
Como ja agora não te satisfazes
Das penas deste amor, que por querer-te,
De teu merecimento são capazes?
Pois quem com outro merito render-te
Presume (oh raro monstro de belleza!),
Muito mais longe está de merecer-te.

Esto si, que merece a grã crueza
Com que tu d'acabar-me a vida tratas,
Pois diante de ti, de si se preza.
Se cuidas que com isto desbaratas
O meu constante amor, porque não viva,
Elle mais vive quando mais me matas.
Se o dar-me morte tens por glória altiva,
Eu m'inclino a que mates ; tu t'inclina
A matar mais de branda que d'esquiva.
S'esta alma tua julgas por indina
Daquelle grande bem qu'em ti s'esconde,
Do descoberto mal a faze dina.
Onde (ai!) voz acharei que baste (ai !), onde,
A poder reduzir-te a ser piedosa?
Ou m'acaba de todo, ou me responde.
Mas por mais que te mostres rigorosa,
Deixar meu pensamento m'he impossivel,
Igualmente que a ti não ser formosa.
E por mais qu'esta dor seja terrivel,
Sómente o contemplar a causa della,
Inda que a faz maior, a faz soffrivel.
Porém chegando a não poder soffre-la,
Perdendo a vida ; quando a morte chame,
Não perderei o gosto de perde-la.

He justo qu'eu por ti mil mortes ame:
Mas vê tu se te illustra, quando offensa
Minha mortal o teu valor se chame.
Bem vês que huma beldade tão immensa
De vencer-me tẽe gloria bem pequena,
Pois só render-me tomo por defensa.
Mas ja que amor tão puro me condena,
Contente fico assaz desta victoria;
Que não me dão meus males tanta pena,
Quanto o serem por ti me dá de gloria.

A vida me aborrece, a morte quero;
Será eterno o meu mal, segundo entendo,
Pois na mór esperança desespéro.
Se viver vivo, por morrer vivendo
Por não verdes, Senhora, como eu vejo,
Quanto de mi por vós me ando esquecendo.
Seja-me agradecido este desejo;
Ingrata não sejais a quem vos ama
Com puro e honestissimo despejo.
A culpa que me pondes, ponde-a á fama,
Que pregôa de vós celeste vida
Que os corações d'amor divino inflama.
Humana, quando não agradecida,
Vos mostrae ao mal meu, que me faz vosso,
Antes que a alma do corpo se despida.

Mas que posso eu fazer, pois ja não posso
Hum tormento domar tão forte e duro,
Homem formado só de carne e de osso?
Em minha fé segura me asseguro;
Porquesta, quando é grande, jamais erra,
Se resultar d'amor sincero e puro.
Essa beldade santa me faz guerra;
Por ella hei de morrer, inda que veja
Tornar o brando rio em dura serra.
Que cousa tenho eu ja que minha seja?
Quem não deseja a vossa formosura,
Não póde assegurar que o Ceo deseja.
De qu'eu sempre a deseje estae segura:
Neste desejo meu nunca mudança
Hão de ver as mudanças da ventura.
A vida tenho posta na balança
Da gloria singular, do damno esquivo;
Que o perde-la por vós he mór bonança.
Se vos offendo cuido que não vivo:
Olhae se muito mais que de offender-vos,
Das esperanças do viver me privo.
O que temo sómente he só perder-vos;
O que quero sómente he só adorar-vos;
O que sómente adoro he só querer-vos.

Querer-vos sem deixar de venerar-vos:
Desejar-vos sómente por servir-vos;
Por servir a amor vil não desejar-vos:
  Sómente ver-vos, e sómente ouvir-vos
Pretendo; e pois sómente isto pretendo,
Deveis a estes sentidos permittir-vos.
  Isto sómente (oh cego!) estou dizendo,
Como se fôra pouco isto sómente!
Que mais que ouvir-vos ha? qu'estar-vos vendo?
  Se o não merece o meu amor decente;
Se morte por amar-vos se merece,
Morra eu, Senhora; e vós ficae contente.
  Se vos aggrava quem por vós padece;
Se vos vẽe a offender quem vos quer tanto,
Quem desta sorte errou não desmerece.
  Que quando os olhos da razão levanto
Ao ceo d'essa rarissima belleza,
De não morrer por ella só m'espanto.
  Deixae-me contentar desta tristeza,
E fazer de meus olhos largo rio;
Se algum póde abrandar vossa dureza.
  Correndo sempre as lagrimas em fio,
Farei crescer as hervas por os prados,
Pois ja d'outra alegria desconfio.

No monte darei pasto a meus cuidados;
E serão de mi sempre entre os pastores
Esses divinos olhos celebrados.
Aprenderão de mi os amadores
Aquillo que se chama amor sublime,
Ouvindo o rigor vosso, e minhas dores.
E nenhum haverá que a pena estime
Mais soberana por a causa della,
Que a que teve até então não desestime;
E qu'inveja não mostre á minha estrella,

Quando os passados bens me representa
No mais secreto d'alma o pensamento,
Que quanto mais o vê, mais se atormenta.
Tal fórma tomão neste apartamento
Que nada me dá agora mais tristeza,
Que o que me dava mór contentamento.
E quanto tive a gloria em mais largueza,
Tanto he maior agora a perda della
Que onde o poder he mór, he mór a preza.
E ja se consentíra a minha estrella
Que tivera esperança de cobra-la
Como tive receo de perde-la.
Sómente aquelle allivio de espera-la
Na força do que quero sustentada,
Me alcançará vigor para alcança-la.

Mas, segundo do tempo sou tratado,
Bem posso recear que algum descuido
Me roube o galardão de meu cuidado;
E quando aquella fé que eu nunca mudo
No mór perigo seu melhor guardada,
A quem tudo entregou merece tudo.
Então dos bellos olhos desprezada
Com tão pouca razão será esquecida,
Com quanta deve sempre ser lembrada.
E se para isto só grangeo a vida,
Muito melhor partido me seria
Antes de mais perder, vê-la perdida.
Por ventura que assim descançaria,
E metendo-me a vida em tanta affronta,
Acharia na morte cortesia.
Nestes medos amor meus bens disconta,
E não me vale a minha confiança,
Que se muito montou nada ja monta.
Cança-me o tempo, cança-me a tardança
Com que elle corre, e a alma que trabalha,
Quando elle tarda mais menos descança;
Então em vãos suspiros, vãos espalha,
E qualquer bem que póde descança-la,
Sempre amor lho atalhou, sempre lho atalha.

Pois só os males que passa acaso falla,
Não tem parelha a dor dos que descobre
Com o grão tormento dos que calla;
Antes quantos mais são mais os encobre,
Até que para crescerem juntamente
Dobrando-se o segredo, o mal se dobre;
Porém como lhe lembra que o que sente
De lá de vós lhe vem, nunca he tão triste
Que logo isso o não faça ser contente.
E como o seu bem todo em vós consiste,
Comvosco só se vale, a vós se acolhe,
Que onde vós assistís só gloria assiste.
La na luz desses olhos se recolhe,
Onde com larga mão se lhe concede
Quanto cá juntamente se lhe tolhe.
Mas depois que he forçado que se arrede
Outra vez de seus males combatida,
Em vão se queixa, em vão mercês vos pede.
Assim passo uma ausencia tão comprida,
E se ainda tenho vida desta sorte,
He por que entende amor que a propria vida
Vivendo eu como vivo, he mais que morte.

Duvidosa esperança, certo medo,
Senhora, de me não ouvir meus danos,
Fizerão que não fiz isto mais cedo,
 Mil remedios busquei, busquei enganos,
Por encobrir o mal que me causais
Temendo outra mór dor dos desenganos.
 Mas tudo quanto fiz, fiz por demais:
Amor, que como quer, de mi o ordena,
Não soffrer que tal dor encubra mais.
 A ser vosso, Senhora, me condena:
Nisto mercê me faz: se a vós offende,
A culpa ao amor dai, a mi a pena.
 Não cuideis que minha alma se defende
De cousa de que vós fordes contente,
Porque só isso busca, isso pertende.

Ditosa dor a que por vós se sente :
Ditoso, pois conheço esta verdade,
Para não ser das minhas descontente.

Com tudo, a não poder huma vontade
Tão pura, e tanto a medo offerecida,
Mover-vos de meu mal a piedade ;

Não quero mais viver, não quero vida :
Melhor me será morte, que desgosto
A quem tanto desejo ver servida.

Banhem pois minhas lagrimas meu rosto ;
Suspire o coração, que treme, e arde ;
Chorar e suspirar seja o meu gosto.

Não queirão os meus fados que me guarde
De sentir nova dor, novo tormento,
Que sinto muito mais senti-lo tarde.

Quizera, desde que tive entendimento,
Por ver se com firmeza vos movia,
Não ter em outra cousa o pensamento.

Em vós cuidar a noite, em vós o dia ;
Por vós sentir prazer, por vós tristeza ;
Sem vós ter para mim que não vivia.

Mas nem por isso haja inda em vós crueza :
Soffre-se mal n'hum peito delicado ;
Parece cousa contra natureza.

Olhai que em vivas chammas abrazado
Por remedio, Senhora, ante vós venho:
Busca-lo n'outra parte he escusado.
Porque não val saber, força, nem engenho,
Pedras, palavras, hervas de virtude,
Contra o golpe d'amor que n'alma tenho.
Se vossos olhos podem dar saude,
Se neste grave mal me não soccorrem,
Deixem-me morrer ja, ninguem me ajude.
Ditosos são os tristes quando morrem
No começo dos damnos, que não sentem
Quão vagarosas as tristezas correm.
Porém se as esperanças me não mentem,
Espero deste conto inda ser fóra,
Que cruezas em vós não se consentem.
Em fim, a fim de tudo isto he, Senhora,
Que se me não valeis, tenhais por certo,
Que cedo verei a derradeira hora.
Ja que meu mal vos tenho descoberto,
Havei de mim dó: não seja isto, emfim,
(Como dizem) dar vozes em deserto:
Valei-me que por vós me perco a mim.

VI

Ganhei, Senhora, tanto em querer-vos,
Que nenhum desfavor me dá tormento,
Que me não dê maior gloria merecer-vos.
Não quero para meu contentamento
Senão meus olhos, pois vos vêem, Senhora,
E a vossas cruezas soffrimento.
Ditoso o dia foi, ditosa a hora
Que alcancei ver vossa gentileza,
Cujo mal não soffrer, mais mal me fôra.
Sinto com vos servir tanta estranheza,
Sinto voar tão alto o pensamento,
Que todo o outro bem julgo baixeza.
E por experimentar meu soffrimento
Vos mostrais contra mim endurecida,
Oh ! que doce paixão, doce tormento.

Se vossa condição desconhecida
Me não quer dar, o fim pera mor dano,
Oh! que doce morrer, que doce vida.
E se de seu favor me sinto ufano
Quando de meu mal culpada se acha,
Oh! que doce enganar, que doce engano.
E se em querer-vos tanto ponho tacha,
Mostrando refrear meu pensamento,
Oh! que doce fingir, que doce cacha.
Assi que ponho ja no soffrimento
A parte principal de minha gloria,
Tomando por melhor todo o tormento.
Se sinto tanto bem, só na memoria
De vos ver, triumphar por vencedora,
Que quero eu mais que ser vossa victoria?
Se tanto vossa vista mais namora
Quanto sou menos pera merecer-vos,
Que quero eu mais que ter-vos por Senhora?
Se procede este bem de conhecer-vos
E consiste o vencer, em ser vencido,
Que quero eu mais, Senhora, que querer-vos?
Se em proveito faz qualquer partido
Só na vista de huns olhos tão serenos,
Que quero eu mais ganhar que ser perdido?

Se meus baixos 'spiritos de pequenos
Ainda não merecem d'alcançar-vos,
Que quero eu mais, que o mais não seja o menos?
Fico emfim satisfeito em desejar-vos,
E se nisto tal bem tenho alcançado,
Quem póde tanto que podesse amar-vos,
Bem poderia ser de vós amado.

VII

Quem poderá passar tão triste vida,
Quem não espera ja contentamento
Senão quando de todo for perdida.

Quem poderá soffrer tão grão tormento,
Tão aspero, cruel, tão duro e forte,
Quem morta a esperança e soffrimento;

Quem póde imaginar tão dura sorte,
Que faz crecer o mal continuamente,
E por não dar remedio não dá a morte.

Quem ha emfim tão triste e descontente
Que sempre ande o passado imaginando,
E em aborrecimento do presente.

Se lá onde tu estás vês qual ando,
Senhora, e o nosso amor inda lá dura,
Bem creo que meu mal estás chorando.

Que faltando-me a tua formosura
E a tua alegre e doce companhia,
Bem vês qual será minha desventura.
Tudo ja me entristece, a noute e o dia,
E o que mais me atormenta he a lembrança
Do bem que n'outro tempo possuia.
Ja perdi de cobra-lo a confiança,
E com isto perdi de ser contente,
Quamanho mal he a falta de esperança!
Se lá nessa outra vida se consente
Sentir-se o mal que cá se anda passando,
Senhora minha, o meu não vos atormente.
Porque segundo me elle vai tratando
E o desejo de ver-te da outra parte
Ja para ti me vai encaminhando.
Perto me vejo ja de hir a buscar-te,
Entre tanto te baste esta certeza,
Porque a mim só me basta contemplar-te.
Alí se acabará nossa tristeza,
Amor acabará de atormentar-nos
Não terá ali lugar sua crueza;
Mas te-lo-hemos nós para alegrar-nos.

Eu só perdi o verdadeiro amigo,
Eu só heide viver nesta saudade,
Sabe Deus a tristeza com que o digo.
O meu Silveira era uma vontade,
Hum amor, hum desejo, hum querer,
Ambos hum coração, e huma amisade.
Não tenho ja razão de vos fazer
Meus castellos de vento sobre o mar,
Que cousa ha hi ja no Gange para ver?
Que cousa nelle ha que desejar?
Foi-se daquesta vida o meu Silveira,
Tudo o bom na outra se hade achar.
Que espada nas batalhas foi primeira,
Ou qual entre os imigos mais prezada,
Ou qual se achou mais na derradeira?

E ora de seus soldados ajudada
Fôra delles huma hora mais seguida,
Fôra delles melhor acompanhada.
Que aquella ilha delles tão temida,
Elle a tinha ja em tal estreiteza
Que durar não pudera hum'ora em vida.
Mas gentes que não tem de natureza
Esforço, espirito, sangue e condição,
O seu natural he mostrar fraqueza.
Deixão morrer seu proprio Capitão,
Deixão perder as forças que os sostem,
E tudo lhes consente o coração.
Não tratão da gloria deste bem,
Deste viver na fama sempre e vida,
O que lhe dizem disto não o creem.
Quem a victoria vio mais conhecida,
A não se ver dos seus desemparado
Qual esteve mais certa ou mais subida?
Com que saber o porto foi tomado
A' gente do Barem que o defendia,
Com que esforço foi tudo começado?
Que temor nos imigos ja se via,
Que victoria tão clara aquella estava,
Que cousa aquelle espirito não faria?

Que receio ja nelles se enxergava,
Que derão pelas vidas se quizera
Aquelle que tirar-lhas desejava?
Mas que ouro, que preço então podera
Fazer tornar atrás tanta ousadia,
Ou quem fôra que aquisto commettera?
Quem se atrevêra ahi, quem ousaria
Com os thesouros de Crasso accometer,
A quem só honra e fama pertendia?
Forçado neste caso se hade crer
Que o coração lhe não dava lugar
A mais que n'aquisto podia ter.
Por onde quiz por obra começar
Aquella crua peleja receando,
Concertos que a soem desviar.
A presteza da cousa está mostrando
A vontade que tinha e o desejo
De se ver ja na patria pelejando.
Aquella hora, momento, aquelle ensejo
Quantas vezes alli desejaria
Verem-no pelejar Nymphas do Tejo.
Que vezes por ellas chamaria,
Com que exforço seria esta lembrança,
Quantas vezes a alguma invocaria.

Com que graça e arte e confiança
Se parte na praia dos primeiros,
Quão longe de fazer atrás mudança.
Aquestes bons espiritos verdadeiros,
De que não digo o terço do que callo
Que desprezar faria dos frecheiros;
Que longe de poderem enfada-lo
Aquelles insoffriveis alaridos
Daquella gente iniqua de cavallo.
Rodeado de mortos e feridos,
Que aquelle forte braço derribava,
Sendo os seus ás náos ja recolhidos,
Deo a alma a quem a desejava,
Com tanto gosto e contentamento
Que de tal exforço se esperava.
O bom desastre alegre esquecimento,
Por vós o meu Silveira está na gloria,
Por vós lá lhe repousa o pensamento;
Por vós eternamente na memoria
Correrá a este caso seu louvor,
De que se póde fazer larga historia,
Quem sacrificou a vida ao Redemptor.

IX

Não porque de algum bem tenha esperança
Vos escrevo meu mal em tal estado,
Que sei, que em vós fará pouca mudança.
Mas ja perdido, triste e magoado
Para remedio tomo escrever dores;
Esperar de vós outro he escusado.
O que não faz amor em meus amores,
O que lagrimas tristes não fizerão,
Bem menos o farão causas menores.
Pois onde as mais tégora se perderão,
Percão-se estas palavras de meu ser,
Que pouco me doem ja, ja me doerão.
Sempre deste meu mal tive suspeita,
Não que de todo em todo me faltasse
Hũa esperança vãa em fim desfeita.

Fazia-me o desejo que esperasse,
A razão d'outra parte, que temesse,
E de esperanças vãas não confiasse.
Que olhasse, que por ellas não perdesse
A doce liberdade, o riso, o canto,
De que depois em vão me arrependesse.
Amor que tudo póde, pôde tanto,
Que para ver o mal em que me vejo,
Me não deo olhos mais que para pranto.
Não curei a rasão, segui o desejo,
Outras cousas segui, de qualidade,
Que choro, e callo, por não ser sobejo.
Pela vossa neguei minha vontade,
Logo como vos vi, no mesmo ponto
Vos entregou a vida a liberdade.
O que passou depois, não vo-lo conto:
De que serve contar cousas sobejas,
A quem lhe soube dar um tal desconto.
Ah esperanças minhas, ja perdidas!
Agora, para mais ter que contar,
Soube que fostes vãas, fostes fingidas.
Em que posso, ou que devo hoje esperar?
Onde acharei de novo outros enganos,
Onde possão desenganos enganar?

Mas he vento cuidar enganar danos,
O' triste, que nem na alma tem alento,
Tẽe seu remedio só no fim dos anos!
Ja não espero ver contentamento,
Perdi quanto esperei n'huma só hora,
E não perdi em muitas o tormento.
E sobre tantas perdas, inda agora,
Que esperava de vos a vós queixar-me,
Não mo consente Amor, que na alma mora.
Põe-se diante, a fim só de estorvar-me,
Que vos offenderei, mostrando aqui,
Que tanta fé pagaes com maltratar-me.
E então este temor deixa-me assi,
Além de magoado, frio, e mudo,
Rependido de quanto escrevi.
Cousas de vosso gosto ainda cudo,
Como se não cuidasse, o que não creio,
Não perder isto, como perdi tudo.
Mas vá-se o medo ja, pois que ja veio
O desengano, sem se ter sabida,
Que a cêrteza podia ter receio.
Agora não me dá perder a vida,
Nem a deve receiar quem a despreza,
Matai-me, se de mim sois offendida.

Senão mate-me ja minha tristeza,
Que este só bem me fica, este me val,
Se mo não estorvar vossa crueza.
Quem se não espantará, vendo-me tal?
Temer, que o triste fim, que me ordenastes,
Mo negueis por remedio de meu mal.
Entre silvestres feras vos creastes,
Pois dais por galardão do que esperava
Cruezas desusadas do que usastes.
Quantas lagrimas triste derramava,
Quantos suspiros dava noite e dia,
Se vos não via, e em quanto vos olhava?
Tremia diante vós, ausente ardia,
Abrandava este mal, ter para mim
Que sentia meu fogo essa alma fria.
Mas muito differente foi o fim
De tudo o que cuidava no começo,
Por onde de hum mal n'outro, a tantos vim.
Vida para tal vida não vos peço,
Morte para tal morte qual me mata
Me podeis dar, que bem vo-lo mereço.
Porque com a dor a lingua se desata,
E com gritos vos chama, e com razão
Sem fé, desamoravel, cruel, ingrata.

Por isso acabai ja vossa tenção,
Fartai, Senhora, ja vossas cruezas
No sangue deste triste coração.
Acabai de acabar tantas tristezas;
Pois acabastes ja vãas esperanças,
Acabem ja tambem minhas firmezas.
Acabe a vida, acabarão lembranças,
Mas tudo está por vós tão acabado,
Como muitas em mim as confianças,
Que tanto me trouxerão enganado.

X

Foi-me alegre o viver, ja me he pesado,
Que do contentamento que sentia
A' minha custa estou desenganado.
  Ao regaço da morte a dor me guia,
Porém, porque com vida mais me mata,
Dilatando-ma vai de dia em dia.
  Manda-me amor fugir da morte ingrata,
(Pois não soffre limite em vós amor)
Que elle os laços ordena, elle os desata.
  Lancei contentamentos a voar,
Tarde os espero ver, que he seu costume
Ter azas ao fugir, freio ao tornar.
  O pensamento posto em alto cume,
Para sacrificar-se á vossa vista,
No coração me guarda eterno lume.

Com o pensamento os olhos tẽe conquista,
Pois sempre em vós está, porque os não leva,
Que elle muro não tẽe, que lhe resista.
Ainda que minha alma em vós se enleva,
Em todo tempo não deixa de arder,
Quando o monte arde em calma, ou quando neva
Vivei, cuidados, em quanto eu viver,
Ou porque em sombras vossas sempre viva,
Ou porque me apresseis para morrer.
Vontade minha, sempre sois captiva,
Meu pensamento, nunca sois mudado,
Flamma de amor, sereis sempre em mi viva.
Suave captiveiro, doce estado,
Brando fogo de amor, que em vós guardais
A fim de meu desejo retratado;
Nunca nesta alma a minha, aonde estais
Falteis, porque então falta a esperança,
Sem quem me falta a vida muito mais.
Senhora, em cujo peito odio e mudança
Lanção fóra o Amor, e sua firmeza,
Que daes esquecimento por lembrança.
Armada dos espinhos da crueza,
Trazeis por apparencias a brandura
No rosto, a qual o peito pouco preza.

Mostrou-me hum leve bem minha ventura,
Paguei-o logo com longo tormento,
Que o gosto foge sempre, e a pena dura.
A tanta dor hum leve sentimento
Nunca em vós pude ver, quanto em vão digo,
Mais mudavel que o vento o daes ao vento.
No principio meu Fado me foi amigo,
Naveguei pelo mar deste desejo,
Que leva de um perigo a outro perigo.
Em vós he pouco o amor, em mim sobejo,
Cresce em mim, falta em vós, e de maneira,
Que de quanto em vós vi, já nada vejo.
Mostrou-se-me o tormento na primeira
Com rosto alegre, para que o seguisse,
E lancei-me ao seguir nesta cegueira.
Fortuna, porque quiz que eu o sentisse,
Mostra-se, por mostrar qual dentro era,
Eu choro meu engano, e ella risse.
Quem em contentamentos vãos espera,
Espere cedo de desenganar-se,
Que têe breves limites sua espera.
Porém quem ha, que mais queira livrar-se
De tão doce prisão? ou quem deseja
Dos nós desses cabellos desatar-se?

Os olhos, a quem as luzes têe inveja,
Que em vós o Amor de amor tendes vencido,
Quem ha que vos não ame, e vos não veja?
Rosto formoso, em quem está esculpido
O mór bem, que se póde ver na terra,
Quem ha, não queira ser por vós perdido?
Olhai, Senhora, as horas apressadas,
Que vem cobrindo o ouro dos cabellos
De neve, e torna ás rosas descoradas.
Ireis ver ao crystal os olhos bellos,
E ja os não vereis quaes d'antes erão,
Pois quaes então serão, não queiraes vel'os.
Trazeis hum brando espirito em mudanças
Para que nunca possa ser mudado
De lagrimas, suspiros e lembranças.
E s'estiver ao mal acostumado,
Tambem no mal não consentis firmeza,
Para que nunca viva descansado.
Ja quieto m'achava co'a tristeza;
E alli não me faltava hum brando engano,
Que tirasse desejos da fraqueza.
Mas vendo-me enganado estar ufano,
Deo á roda a Fortuna; e deo comigo
Onde de novo chóro o novo dano.

Ja deve de bastar o que aqui digo,
Para dar a entender o mais que calo
A quem ja vio tão aspero perigo.
E se nos brandos peitos faz abalo
Hum peito magoado e descontente,
Que obriga a quem o ouve a consolá-lo;
Não quero mais senão que largamente,
Senhor, me mandeis novas dessa terra;
Que alguma dellas me fará contente.
Porque se o duro Fado me desterra
Tanto tempo do bem, que o fraco esprito
Desampare a prisão onde s'encerra;
Ao som das negras aguas do Cocito,
Ao pé dos carregados arvoredos
Cantarei o que n'alma tenho escrito.
E por entre estes horridos penedos
A quem negou Natura o claro dia,
Entre tormentos asperos e medos,
Com a tremula voz, cansada e fria,
Celebrarei o gesto claro e puro,
Que nunca perderei da phantasia.
O Musico de Thracia, ja seguro
De perder sua Eurydice, tangendo
Me ajudará ferindo o ar escuro.

As namoradas sombras, revolvendo
Memorias do passado, me ouvirão ;
E com seu chôro o rio irá crescendo.
Em Salmónêo as penas faltarão,
E das filhas de Belo juntamente
De lagrimas os vasos s'encherão.
Que se amor não se perde em vida ausente,
Menos perderá por morte escura :
Porque, emfim, a alma vive eternamente,
E amor he effeito d'alma, e sempre dura.

IX

O poeta Simonides fallando
Co'o Capitão Themistocles hum dia,
Em cousas de sciencia praticando ;
Hum'arte singular lhe promettia,
Qu'então compunha, com que lh'ensinasse
A lembrar-se de tudo o que fazia ;
Onde tão subtis regras lhe mostrasse,
Que nunca lhe passassem da memoria
Em nenhum tempo as cousas que passasse.
Bem merecia, certo, fama e gloria
Quem dava regra contra o esquecimento,
Que sepulta qualquer antigua historia.
Mas o Capitão claro, cujo intento
Bem differente estava, porque havia
Do passado as lembranças por tormento ;

Oh illustre Simonides ! (dizia)
Pois tanto em teu engenho te confias,
Que mostras á memoria nova via ;
Se me désses hum'arte, qu'em meus dias
Me não lembrasse nada do passado,
Oh quanto melhor obra me farias !
S'este excellente dito ponderado
Fosse por quem se visse estar ausente,
Em longas esperanças degradado ;
Oh como bradaria justamente,
Simonides, inventa novas artes ;
Não midas o passado co'o presente !
Que se he forçado andar por varias partes
Buscando á vida algum descanço honesto,
Que tu, Fortuna injusta, mal repartes ;
E se o duro trabalho, he manifesto
Que por grave que seja, ha de passar-se
Com animoso esprito e ledo gesto ;
De que serve ás pessoas o lembrar-se
Do que se passou ja, pois tudo passa,
Senão d'entristecer-se e magoar-se ?
S'em outro corpo hum'alma se traspassa,
Não como quiz Pythagoras na morte,
Mas como quer Amor na vida escassa ;

E s'este Amor no mundo está de sorte,
Que na virtude só d'um lindo objecto
Tẽe hum corpo, sem alma, vivo e forte;
Onde este objecto falta, qu'he defecto
Tamanho para a vida, que ja nella
M'está chamando á pena a dúra Alecto;
Porque me não criára a minha Estrella
Selvatico no mundo, e habitante
Na dura Scythia, e nó mais duro della?
Ou no Caucaso horrendo, fraco infante
Criado ao peito d'uma tigre Hircana,
Homem fôra formado de diamante;
Porque a cerviz ferina e inhumana
Não sumettêra ao jugo e dura lei
Daquelle que dá vida quando engana.
Ou em pago das aguas qu'estilei,
As que passei do mar, forão do Lethe,
Para que m'esquecêra o que passei.
Porque o bem que a esperança vãa promette,
Ou a morte o estorva, ou a mudança,
Que he mal que hum'alma em lagrimas derrete.
Ja, Senhor, cahirá como a lembrança,
No mal, do bem passado he triste e dura,
Pois nasce aonde morre a esperança.

E se quizer saber como se apura
Em almas saudosas, não s'enfade
De ler tão longa e misera escriptura.
Soltava Eolo a redea e liberdade
Ao manso Favonio brandamente,
E eu a tinha ja solta á saudade.
Neptuno tinha posto o seu tridente;
A proa a branca escuma dividia,
Com a gente maritima contente.
O côro das Nereidas nos seguia;
Os ventos, namorada Galatêa
Comsigo socegados os movia.
Das argenteas conchinhas Panopêa
Andava por o mar fazendo mólhos,
Melanto, Dinamene, com Ligêa.
Eu, trazendo lembranças por antolhos,
Trazia os olhos n'agua socegada,
E a agua sem socego nos meus olhos.
A bem-aventurança ja passada
Diante de mi tinha tão presente,
Como se não mudasse o tempo nada.
E com o gesto immoto e descontente,
Co'hum suspiro profundo e mal ouvido,
Por não mostrar meu mal a toda a gente,

Dizia: Oh claras Nymphas! se o sentido
Em puro amor tivestes, e inda agora
Da memoria o não tendes esquecido;
Se por ventura fordes algum'hora
Adonde entra o grão Tejo a dar tributo
A Tethys, que vós tendes por Senhora;
Ou ja por ver o verde prado enxuto,
Ou ja por colher ouro rutilante,
Das Tagicas areias rico fruto;
Nellas em verso erotico e elegante
Escrevei co'huma concha o qu'em mi vistes;
Póde ser que algum peito se quebrante.
E contando de mi memorias tristes,
Os pastores do Tejo, que me ouvião,
Oução de vós as mágoas que me ouvistes.
Ellas, que ja no gesto m'entendião,
Nos meneios das ondas me mostravão
Qu'em quanto lhes pedia consentião.
Estas lembranças, que me acompanhavão
Por a tranquillidade da bonança,
Nem na tormenta triste me deixavão.
Porque chegando ao Cabo da Esperança,
Começo da saudade que renova,
Lembrando a longa e aspera mudança;

Debaixo estando ja da estrella nova
Que no novo Hemispherio resplandece,
Dando do segundo axe certa prova;
Eis a noite com nuvens s'escurece;
Do ar subitamente foge o dia;
E todo o largo Oceano s'embravece.
A machina do mundo parecia
Qu'em tormentas se vinha desfazendo;
Em serras todo o mar se convertia.
Lutando Boreas fero e Noto horrendo,
Sonoras tempestades levantavão,
Das náos as velas concavas rompendo.
As cordas co'o ruido assoviavão;
Os marinheiros, ja desesperados,
Com gritos para o Ceo o ar coalhavão.
Os raios por Vulcano fabricados
Vibrava o fero e aspero Tonante,
Tremendo os Polos ambos de assombrados.
Amor alli, mostrando-se possante,
E que por algum medo não fugia,
Mas quanto mais trabalho, mais constante;
Vendo a morte presente, em mi dizia:
Se algum'hora, Senhora, vos lembrasse,
Nada do que passei me lembraria.

Emfim, nunca houve cousa que mudasse
O firme amor intrinseco daquelle
Em quem alguma vez de siso entrasse.
Huma cousa, Senhor, por certa asselle,
Que nunca amor se affina, nem se apura,
Emquanto está presente a causa delle.
Dest'arte me chegou minha ventura
A esta desejada e longa terra,
De todo pobre honrado sepultura.
Vi quanta vaidade em nós s'encerra,
E nos proprios quão pouca ; contra quem
Foi logo necessario termos guerra.
Huma Ilha que o Rei de Porcá tem,
E que o Rei da Pimenta lhe tomára,
Fomos tomar-lha e succedeo-nos bem.
Com huma grossa armada, que juntára
O Viso-Rei, de Goa nos partimos
Com toda a gente d'armas que se achára.
E com pouco trabalho destruimos
A gente no curvo arco exercitada :
Com morte, com incendios os punimos.
Era a Ilha com aguas alagada,
De modo que se andava em almadias ;
Emfim, outra Veneza trasladada.

Nella nos detivemos sós dous dias,
Que forão para alguns os derradeiros,
Pois passárão da Estyge as ondas frias.
Qu'estes são os remedios verdadeiros
Que para a vida estão apparelhados
Aos que a querem ter por cavalleiros.
Oh Lavradores bem aventurados!
Se conhecessem seu contentamento,
Como vivem no campo socegados!
Dá-lhes a justa terra o mantimento;
Dá-lhes a fonte clara d'agua pura;
Mungem suas ovelhas cento a cento.
Não vem o mar irado, a noite escura,
Por ir buscar a pedra do Oriente;
Não temem o furor da guerra dura,
Vive hum com suas árvores contente,
Sem lhe quebrar o somno repousado
A grã cobiça d'ouro reluzente.
Se lhe falta o vestido perfumado,
E da formosa côr de Assyria tinto,
E dos torçaes Attalicos lavrado;
Se não têe as delicias de Corinto,
E se de Pario os marmores lhe faltão,
Oy propo, a esmeralda e o jacinto;

Se suas casas de ouro não s'esmaltão,
Esmalta-se-lhe o campo de mil flores,
Onde os cabritos seus comendo saltão.
Alli lhe mostra o campo varias cores;
Vem-se os ramos pender co'o fructo ameno;
Alli se affina o canto dos pastores.
Alli cantára Tityro e Sileno.
Emfim, por estas partes caminhou
A sãa Justiça para o Ceo sereno.
Ditoso seja aquelle que alcançou
Poder viver na doce companhia
Das mansas ovelhinhas que criou!
Este bem facilmente alcançaria
As causas naturaes de toda cousa;
Como se gera a chuva e neve fria:
Os trabalhos do sol, que não repousa;
E porque nos dá a lua a luz alhêa,
Se tolher-nos de Phebo os raios ousa:
E como tão depressa o Ceo rodêa;
E como hum só os outros traz comsigo;
E se he benigna ou dura Cytherêa.
Bem mal póde entender isto que digo,
Quem ha de andar seguindo o fero Marte;
Que sempre os olhos traz em seu perigo.

Porém seja, Senhor, de qualquer arte,
Pois posto que a Fortuna possa tanto,
Que tão longe de todo o bem me aparte;
Não poderá apartar meu duro canto
Desta obrigação sua, em quanto a morte
Me não entrega ao duro Radamanto;
Se para tristes ha tão leda sorte.

ODES

I

Nunca manhãa suave
Estendendo seus raios por o mundo,
Despois de noite grave,
Tempestuosa, negra, em mar profundo,
Alegrou tanto náo, que ja no fundo
Se vio em mares grossos,
Como a luz clara a mi dos olhos vossos.

Aquella formosura,
Que só no virar delles resplandece;
E com que a sombra escura
Clara se faz, e o campo reverdece;
Quando o meu pensamento se entristece,
Ella e sua viveza
Me desfazem a nuvem da tristeza.

O meu peito, onde estais,
He para tanto bem pequeno vaso;
Quando acaso virais
Os olhos, que de mi não fazem caso,
Todo, gentil Senhora, então me abraso
Na luz que me consume,
Bem como a borboleta faz no lume.

Se mil almas tivera
Que a tão formosos olhos entregára,
Todas quantas pudera
Por as pestanas delles pendurára;
E, enlevadas na vista pura e clara,
(Postoque disso indinas)
Se andarão sempre vendo nas meninas.

E vós, que descuidada
Agora vivereis de taes querellas,
D'almas minhas cercada,
Não pudesseis tirar os olhos dellas;
Não póde ser que, vendo a vossa entr'ellas
A dôr que lhe mostrassem,
Tantas huma alma só não abrandassem.

Mas, pois o peito ardente
Huma só póde ter, formosa Dama,
Basta que esta sómente,
Como se fossem mil e mil, vos ama,
Para que a dôr de sua ardente flama
Comvosco tanto possa,
Que não queirais vêr cinza huma'alma vossa.

II

A quem darão de Pindo as moradoras,
Tão doctas como bellas,
Florecentes capellas
De triumphante louro, ou myrto verde ;
Da gloriosa palma, que não perde
A presumpção sublime,
Nem por fôrça de pezo algum se opprime?

A quem trarão nas faldas delicadas,
Rosas a rôxa Cloris,
Conchas a branca Doris ;
Estas, flôres do mar ; da terra aquellas,
Argenteas, ruivas, brancas e amarellas,
Com danças e corêas
De formosas Nereidas e Napêas?

A quem farão os Hymnos, Odes, Cantos,
Em Thebas Amphion,
Em Lesbos Arion,
Senão a vós, por quem restituida
Se vê da Poesia ja perdida
A honra e gloria igual,
Senhor Dom Manoel de Portugal?

Imitando os espritos ja passados,
Gentis, altos, Reais,
Honra benigna dais
A meu tão baixo, quão zeloso engenho.
Por Mecenas a vós celebro e tenho;
E sacro o nome vosso
Farei, se alguma cousa em verso posso.

O rudo canto meu, que resuscita
As honras sepultadas,
As palmas ja passadas
Dos bellicosos nossos Lusitanos,
Para thesouro dos futuros anos,
Comvosco se defende
Da lei Lethêa, á qual tudo se rende.

Na vossa árvore ornada d'honra e glória
Achou tronco excellente
A hera florecente
Para a minha até aqui de baixa estima :
Nella, para trepar, s'encosta e arrima ;
E nella subireis
Tão alto, quanto os ramos estendeis.

Sempre forão engenhos peregrinos
Da Fortuna invejados ;
Que quanto levantados
Por hum braço nas azas são da Fama,
Tanto por outro aquella, que os desama,
Co'o pezo e gravidade
Os opprime da vil necessidade.

Mas altos corações dignos d'Imperio,
Que vencem a Fortuna,
Forão sempre coluna
Da sciencia gentil : Octaviano,
Scipião, Alexandre e Graciano,
Que vêmos immortais;
E vós, que o nosso seculo dourais.

Pois, logo, em quanto a cithara sonora
Se estimar por o mundo,
Com som docto e jucundo;
E em quanto produzir o Tejo e o Douro
Peitos de Marte e Phebo, crespo e louro,
Tereis glória immortal,
Senhor Dom Manoel de Portugal.

III

Ja a calma nos deixou
Sem flôres as ribeiras deleitosas ;
Ja de todo seccou
Candidos lirios, rubicundas rosas:
Fogem do grave ardor os passarinhos
Para o sombrio amparo de seus ninhos.

Meneia os altos freixos
A branda viração de quando em quando ;
E d'entre vários seixos
O líquido crystal sahe murmurando:
As gottas, que das alvas pedras saltão,
O prado, como pérolas, esmaltão.

Da caça ja cansada
Busca a casta Titanica a espessura,
Onde á sombra inclinada
Logre o doce repouso da verdura;
E sôbre o seu cabello ondado e louro
Deixe cahir o bosque o seu thesouro.

O Ceo desimpedido
Mostrava o lume eterno das estrellas;
E de flôres vestido
O campo, brancas, rôxas e amarellas,
Alegre o bosque tinha, alegre o monte,
O prado, o arvoredo, o rio, a fonte.

Porém como o menino,
Que a Jupiter por a aguia foi levado,
No cêrco crystallino
Fôr do amante de Clicie visitado;
O bosque chorará, chorará a fonte,
O rio, o arvoredo, o prado, o monte.

O mar, que agora brando
He das Nereidas candidas cortado,
Logo se irá mostrando
Todo em crespas escumas empolado:
O soberbo furor do negro vento
Fará por toda parte movimento.

Lei he da natureza
Mudar-se desta sorte o tempo leve:
Succeder á belleza
Da Primavera o fructo; á elle a neve;
E tornar outra vez por certo fio
Outono, Inverno, Primavera, Estio.

Tudo, emfim, faz mudança
Quanto o claro sol vê, quanto allumia;
Não se acha segurança
Em tudo quanto alegra o bello dia:
Mudão-se as condições, muda-se a idade,
A bonança, os estados e a vontade.

Sómente a minha imiga
A dura condição nunca mudou;
Para que o mundo diga
Que nella lei tão certa se quebrou;
Em não vêr-me ella só sempre está firme,
Ou por fugir d'Amor, ou por fugir-me.

Mas ja soffrivel fôra
Qu'em matar-me ella só mostre firmeza,
Se não achára agora
Tambem em mi mudada a natureza;
Pois sempre o coração tenho turbado,
Sempre d'escuras nuvens rodeado.

Sempre exprimento os fios
Qu'em contino receio Amor me manda;
Sempre os dous caudaes rios,
Qu'em meus olhos abrio quem nos seus anda,
Correm, sem chegar nunca o Verão brando,
Que tamanha aspereza vá mudando.

O sol sereno e puro,
Que no formoso rosto resplandece,
Envolto em manto escuro
Do triste esquecimento, não parece;
Deixando em triste noite a triste vida,
Que nunca de luz nova he soccorrida.

Porém seja o que fôr;
Mude-se por meu damno a natureza;
Perca a inconstancia Amor;
A Fortuna insconstante ache firmeza;
Tudo mudavel seja contra mi,
Mas eu firme estarei no qu'emprendi.

CANÇÕES

I

Ja a rôxa manhãa clara
As portas do Oriente vinha abrindo;
Os montes descobrindo
A negra escuridão da luz avara.
O sol, que nunca pára,
Da sua alegre vista saudoso,
Traz ella pressuroso
Nos cavallos cansados do trabalho,
Que respirão nas hervas fresco orvalho,
S'estende claro, alegre e luminoso.
Os passaros voando,
De raminho em raminho vão saltando;
E com suave e doce melodia
O claro dia estão manifestando.

A manhãa bella, amena,
Seu rosto descobrindo, a espessura
Se cobre de verdura
Clara, suave, angelica, serena.
Oh deleitosa pena!
Oh effeito d'Amor alto e potente!
Pois permitte e consente
Qu'ou donde quer qu'eu ande, ou dond'esteja,
O seraphico gesto sempre veja,
Por quem de viver triste sou contente.
Mas tu, Aurora pura,
De tanto bem dá graças á ventura,
Pois as foi pôr em ti tão excellentes,
Que representes tanta formosura.

A luz suave e leda
A meus olhos me mostra por quem mouro,
Com os cabellos d'ouro,
Que nenhum ouro iguala, se os remeda.
Esta a luz he que arreda
A negra escuridão do sentimento
Ao doce pensamento;

Os orvalhos das flôres delicadas
São nos meus olhos lagrimas cansadas,
Qu'eu chóro co'o prazer de meu tormento;
Os passaros que cantão,
Meus espiritos são, que a voz levantão,
Manifestando o gesto peregrino
Com tão divino som, que o mundo espantão.

Assi como acontece
A quem a chara vida está perdendo,
Qu'emquanto vai morrendo,
Alguma visão santa lh'apparece;
A mim em quem fallece
A vida, que sois vós, minha Senhora,
A est'alma, qu'em vós mora
(Em quanto da prisão s'está apartando)
Vos estais justamente apresentando
Em fórma de formosa e rôxa Aurora.
Oh ditosa partida!
Oh gloria soberana, alta e subida!
Se me não impedir o meu desejo;
Porque o que vejo, emfim, me torna a vida.

Porém a natureza,
Que nesta pura vista se mantinha,
Me falta tão asinha,
Como o sol faltar soe á redondeza.
Se houverdes qu'he fraqueza
Morrer em tão penoso e triste estado,
Amor será culpado,
Ou vós, ond'elle vive tão isento,
Que causastes tão largo apartamento,
Porque perdesse a vida co'o cuidado.
Que se viver não posso,
Homem formado só de carne e osso,
Esta vida que perco, Amor ma deo;
Que não sou meu: se morro, o damno he vosso.

Canção de cysne, feita em hora extrema,
Na dura pedra fria
Da memoria te deixo em companhia
Do letreiro da minha sepultura;
Que a sombra escura já m'impede o dia.

II

Por meio d'humas serras mui fragosas,
Cercadas de sylvestres arvoredos,
Retumbando por ásperos penedos,
Correm perennes ágoas deleitosas.
Na ribeira de Buina, assi chamada,
        Celebrada,
        Porqu'em prados
        Esmaltados
        Com frescura
        De verdura,
Assi se mostra amena, assi graciosa,
Qu'excede a qualquer outra mais formosa ;

As correntes se vem, que acceleradas,
As hervas regalando e as boninas,
Se vão a entrar nas ágoas Neptuninas,
Por diversas ribeiras derivadas.
Com mil brancas conchinhas a aurea areia
Bem se arreia;
Voão aves;
Mil suaves
Passarinhos
Nos raminhos
Acordemente estão sempre cantando,
Com doce accento os ares abrandando.

O doce rouxinol n'hum ramo canta,
E d'outro o pintasirgo lhe responde;
A perdiz d'entre a mata, em que s'esconde,
O caçador sentindo, se levanta:
Voando vai ligeira mais que o vento;
Outro assento
Vai buscando;
Porém quando
Vai fugindo;
Retinindo,

Traz ella mais veloz a setta corre,
De que ferida logo cahe e morre.

Aqui Progne d'hum ramo em outro ramo,
Co'o peito ensanguentado anda voando,
Cibato para o ninho indo buscando ;
A leda codorniz vem ao reclamo
Do sagaz caçador, que a rede estende,
E pretende
Com engano
Fazer dano
A' coitada,
Q'enganada
D'huns esparzidos grãos de louro trigo,
Nas mãos vai a cahir de seu imigo.

Aqui sôa a calhandra na parreira ;
A rôla geme ; parla o estorninho ;
Sabe a candida pomba do seu ninho ;
O tordo pousa em cima da oliveira :
Vão as doces abelhas susurrando,
E apanhando

O rocio
Fresco e frio
Por o prado
D'herva ornado,
Com que o aureo licôr fazem, que deo
A' humana gente a indústria d'Aristeo.

Aqui as uvas luzidas, penduradas
Das pampinosas vides, resplandecem ;
As frondiferas árvores se offrecem
Com differentes fructos carregadas :
Os peixes n'ágoa clara andão saltando,
Levantando
As pedrinhas,
E as conchinas
Rubicundas,
Que as jucundas
Ondas comsigo trazem, crepitando
Por a praia alva com ruido brando.

Aqui por entre as serras se levantão
Animaes Calidoneos, e os veados

Na fugida inda mal assegurados,
Porque do som dos proprios pés s'espantão.
Sahe o coelho, e lebre sahe manhosa
Da frondosa
Breve mata,
Donde a cata
Cão ligeiro.
Mas primeiro
Qu'ella ao contrário férvido s'entregue,
A's vezes deixa em branco a quem a segue.

Luzem as brancas e purpúreas flôres,
Com que o brando Favonio a terra esmalta ;
O formoso Jacintho alli não falta,
Lembrado dos antiguos seus amores,
Inda na flôr se mostrão esculpidos
Os gemidos :
Aqui Flora
Sempre mora ;
E com rosas
Mais formosas,
Com lirios e boninas mil fragrantes,
Alegra os seus amores circumstantes.

Aqui Narciso em líquido crystal
Se namora de sua formosura:
Nelle as pendentes ramas da 'spessura
Debuxando-se estão ao natural.
Adonis, com que a linda Cytherêa
Se recrêa,
Bem florido,
Convertido
Na bonina,
Qu'Erycina
Por imagem deixou de qual sería
Aquelle por quem ella se perdia.

Lugar alegre, fresco, accommodado
Para se deleitar qualquer amante,
A quem com sua ponta penetrante
O cego Amor tivesse derribado;
E para memorar ao som das ágoas
Suas mágoas
Amorosas,
As cheirosas
Flôres vendo,
Escolhendo,

Para fazer preciosas mil capellas,
E dar por grão penhor a Nymphas bellas.

Eu dellas, por penhor de meus amores,
Huma capella á minha deosa dava :
Que lhe queria bem, bem lhe mostrava
O bem-mequeres entre tantas flôres :
Porém, como se fôra mal-mequeres,
Os poderes
Da crueldade
Na beldade
Bem mostrou ;
Desprezou
A dadiva de flôres ; não por minha,
Mas porque muitas mais ella em si tinha.

Bem aventurado aquelle, que ausente
Do reboliço, trafego e tumulto,
Vê de longe as perdas e insultos,
Que faz o mundo vil da necia gente;
Aos cuidados tem posto frêo,
Mui alheo,
Do perigo
Que comsigo
Tras a vida,
Que embibida
No peçonhento gosto da cubiça,
O fogo com que arde assim atiça :

Não se mantem no gosto dos favores,
Enlevado em falsas esperanças,
Vís, lhe parecem e baxas as privanças
Dos Principes, dos Reis e dos Senhores;
Por abundancia tem e por riqueza
A pobreza,
Que imiga
Da fadiga
Não contente
Descontente
Por vêr o coração, que por viver
Sem cuidado e temor, quiz pobre ser.

Piza, com peito forte e animoso,
As ambiçoens que os olhos d'alma cegão,
Despreza, as vans promessas que enlevão
Ao vão pensamento cuidadoso;
Este por máo e por perverso sempre tive,
E assim vive
Porque a vida
Consumida
Com cuidados
Escusados,

E sugeita a desconcertos da ventura,
Não he vida vital, mas morte pura.

Não tirão o doce sono as lembranças
Importunas do bem ou mal futuro;
Os varios successos vê segura.
Livre de medo, isento de mudanças,
E posto que a vida breve seja,
Não deseja
Estendella;
Goza della,
Que parece
Que enriquece:
Porque a vida occupada em buscar vida,
Acha-se mal gastada e não crescida.

Não anda entre amigos incubertos,
A perigos immensos avisado,
Mas com animo constante e socegado,
Gosa dos coraçoens leaes e certos:
Quando bravo mar furioso
Belicoso

Fogo accende,
E pertende
Com estranha
Ira e sanha
Roubar a cara paz, cá na terra,
Com socego está-se rindo da guerra.

Não ouve, da trombeta temerosa
O rouco som que assombra o esforçado;
Não teme, do cruel e vão soldado
A espada de sangue cubiçosa;
Nem o pelouro da espingarda sahindo,
Retinindo,
Pelo ar voa
Ledo e soa,
Mas descendo
Não se vendo
Vai ferir entre muitos o coitado,
Que tal caso está bem desquidado.

E posto que o livre entendimento,
Captiva a vista, e regra a lei que segue,

E a outra vontade a sua entregue,
Refreando o errado pensamento;
Comtudo, tem mais certa liberdade
A vontade
Que aceita
Ser sugeita,
Porque os danos
E enganos
Que procedem do proprio parecer,
Senhor de si a hum não deixa ser.

Ora da baxa terra alevantada
O experto pensamento ao ceo formoso,
E da vida e de si mesmo queixoso
Morre por possuir riqueza tanta;
Ora com doces ais o ceo rompendo,
E gemendo
Diz á morte:
Dura sorte!
Se vieras
E me deras
Hum golpe tão esquivo que morrera,
Por verdadeira vida te tivera.

OITAVAS

I

Despois que a clara Aurora a noite escura
Com novo resplandor foi desfazendo,
E Phebo por os montes e espessura
Os seus dourados raios estendendo;
Se buscava nos valles a verdura
O manso gado a luz serena vendo,
Quando a férvida sésta ja abrazava,
Todo o animal da calma repousava.

Ja por fugir do sol o fogo ardente,
As sombras os rebanhos vão buscando;
Os tenros cabritinhos juntamente
Apoz as mansas mães hião saltando;

Tangendo as suas frautas docemente
Os pastores, estavão enganando
A grã chamma solar qu'então ardia;
So Liso o ardor della não sentia.

Tristes lembranças tanto o traspassavão,
Que a dura sésta nellas só passava;
O tempo qu'em prazer outros gastavão,
Em celebrar seu mal elle o gastava;
As festas que com jogos celebravão,
Elle com suspirar as celebrava:
Nada buscava mais, mais não queria
Que o repouso do fogo em qu'elle ardia.

Os repetidos jogos dos pastores,
As lutas entre a rama repetidas,
Em nada lhe divertem suas dores;
Mas antes n'alegria as vê crescidas.
Como o repouso roubão os amores
As almas que para elles são nascidas,
Elle, todo o repouso qu'esperava,
Consistia na Nympha que buscava.

Com o chôro, que ja corria em fio
Por o pallido rosto, augmenta as fontes,
Que levão água estranha ao claro rio
Que os valles vai regando entre altos montes.
Com suspiros a quem o ecco pio
Responde de apartados horizontes,
Os ventos parecia qu'enfreava,
Os montes parecia que abalava.

Que ás queixas de seus doces pensamentos
Se movessem os montes mais constantes,
Se parassem os mais veloces ventos,
Qu'estavão, que corrião circumstantes,
Bem se devia á dôr de seus tormentos,
E inda que fosse em peitos de diamantes;
Que hum peito de diamante abrandaria
O triste som das mágoas que dizia.

Porém elle as dizia a outro peito,
Mais, que diamante, inexpugnavel, duro:
A fé lh'encarecia, a que sogeito
O tinha em pena eterna o amor puro;

Mostrava-lhe este n'alma mais perfeito,
Quanto mais offendido, mais seguro:
A Nympha mais segura tudo ouvia,
Mas nada o duro peito commovia.

As lástimas aqui tanto crescêrão,
Que s'em montes de Hircania s'escuitárão,
Tigres nos seios seus mover pudérão,
E pedras nos seus cumes abrandárão.
Mas se no peito as tristes vozes dérão
Daquella fera humana que buscárão,
Elle d'as admittir se retirava;
Que na vontade de outro pôsto estava.

Desenganado ja da triste sorte,
De que mal fino amor se desengana,
Com a desperança só de sua morte
Aquellas penas últimas engana.
Deixando na espessura o claro Norte,
Para elle de outra luz mais soberana,
A hum valle aberto então sahir procura,
Cansado ja de andar por a espessura.

Deixando as suas cabras que pascessem
Naquelle verde prado as frescas flores;
Porque os Satyros leves o sobessem,
E os silvestres Faunos amadores;
Tambem porque os pastores o entendessem,
Todo o processo e fim de seus amores
Escreveo (sem em nada haver mudança)
No tronco d'huma faia por lembrança.

Por lembrança no tronco d'huma faia,
Que vai sahindo ao Ceo de puro altiva
Na verde, prateada e aurea praia,
Por onde o claro Tejo se deriva;
Porque tambem ao Ceo sua dôr saia
Sôbre aquella corrente fugitiva,
Escrita no papel da natureza;
Escreve estas palavras de tristeza:

Natercia, Nympha bella, por quem vivo
Em tal tormento, tempo algum me olhou;
Mas des qu'em mi sentio qu'era captivo
Daquelle brando olhar que m'enganou,

O amor tornava em desamor esquivo;
E d'hum tormento tal a outro passou.
Em cousas tão sujeitas a mudança
Nunca ponha ninguem sua esperança.

Para dar proveitosos desenganos
Dos enganos que são de Amor effeitos,
E dos dous sexos publicar, humanos,
A origem das mudanças de seus peitos;
Estas letras aqui por longos anos
Digão a corações a amar sujeitos
Em peito varonil, que de ventura
Em peito feminil, que de natura...

Faltou-lhe aqui o alento, e ja cansado
Cahio ao pé da faia em qu'escrevia,
Não podendo seguir o começado,
Porque a alma ja do corpo lhe sahia.
Tres vezes, com accento mal formado,
Para exemplo futuro repetia:
Amantes, entendei que a mór belleza
Somente em ser mudavel tem firmeza.

II

Cá nesta Babylonia adonde mana
Hypocrisia, engano e falsidade ;
Cá donde ousada toda carne humana
A todo arbitrio vive da vontade ;
Cá donde enrouqueceo da Luzitana
Musa o furor heroico e suavidade ;
Cá donde se produz por cega via
Materia a quanto mal o mundo cria ;

Cá donde o puro amor não tee valia,
Porque Baccho o tẽe hoje desterrado ;
Cá donde a frecha d'ouro não feria,
Senão cabello preto e alfenado ;

Cá donde a loura trança não se via,
Nem o rosto de sangue matizado;
Cá donde nada val a glória humana,
Que a mãe, que manda mais tudo profana;

Cá donde o mal se affina, o bem se daná,
Se algum a terra em si quer produzir;
Cá donde a falsa gente Mahometana
A glória toda funda em adquirir;
Cá donde multiplica a mão tyrana,
Professa em mais crescer, matar, mentir;
Cá donde o fazer bem he villania,
E pode mais que a honra a tyrannia;

Cá donde a errada e cega Monarchia
De fabulosas leis está vivendo,
E á força d'hum amor engrandecia
O nefando Alcorão em qu'está crendo;
Cá donde nada val a Poesia,
E s'está da lei della escarnecendo;
Cá donde a fidalguia Mahometana
Cuida qu'hum nome vão a Deos engana.

Cá nesta Babylonia, onde à nobreza
Da Lusitana gente se perdeo;
E do grão Sebastião toda a grandeza
Irreparavelmente se abateo;
Cá donde algum mentir não he baixeza,
E os meritos esmola (assi cresceo
Da cobiça mortal a semrazão)
Co'o esfôrço e saber, pedindo vão.

A's portas da cobiça e da villeza
Estes netos de Agar estão sentados
Em bancos de torpissima riqueza,
Todos de tyrannia marchetados.
He do feio Alcorão summa a largueza
Que tẽe para que sejão perdoados
De quantos erros commettendo estão
Cá neste escuro cáos de confusão.

Cumprindo o curso da natureza,
Illustre Dama, neste labyrintho;
Mas quem usa comigo mais crueza,
He tua candição, que n'alma sinto.

Acabe-se algum dia tal tristeza,
E este sentido mal qu'em versos pinto:
E pois n'alma he sentido e coração,
Vê se m'esquecerei de ti, Sião.

SEXTINA

I

A culpa de meu mal só tee meus olhos,
Pois que derão a Amor entrada n'alma,
Para que perdesse eu a liberdade.
Mas quem póde fugir a huma brandura,
Que despois de vos pôr em tantos males,
Dá por bens o perder por ella a vida?

Assaz de pouco faz quem perde a vida
Por condição tão dura e brandos olhos;
Pois de tal qualidade são meus males,
Que o mais pequeno delles toca n'alma.
Não s'engane com mostras de brandura
Quem quizer conservar a liberdade.

Roubadora he de toda liberdade
(E oxalá perdoasse á triste vida !)
Esta que o falso Amor chama brandura,
Ai meus antes imigos, que meus olhos !
Que mal vos tinha feito esta vossa alma,
Para vós lhe fazerdes tantos males ?

I

Cresção de dia em dia embora os males ;
Perca-se embora a antigua liberdade ;
Transforme-se em Amor esta triste alma ;
Padeça embora esta innocente vida ;
Que bem me pagão tudo estes meus olhos,
Quando de outros, se os vem, vem a brandura.

Mas como nelles póde haver brandura,
Se causadores são de tantos males ?
Engano foi d'Amor, porque meus olhos
Dessem por bem perdida a liberdade.
Ja não tenho que dar senão a vida,
Se a vida ja não deo, quem ja deo a alma.

Que póde ja'sperar quem a sua alma
Captiva eterna fez d'uma brandura,
Que quaddo vos dá morte, diz qu'he vida?
Forçado me he gritar nestes meus males,
Olhos meus: pois por vós a liberdade
Perdi, de vós me queixarei, meus olhos.

Chorae, meus olhos, sempre os damnos d'alma,
Pois dais a liberdade a tal brandura,
Que para dar mais males, da mais vida.

Que póde ja'sperar quem a sua alma
Captiva eterna fez d'uma brandura,
Que quaddo vos dá morte, diz qu'he vida?
Forçado me he gritar nestes meus males,
Olhos meus : pois por vós a liberdade
Perdi, de vós me queixarei, meus olhos.

Chorae, meus olhos, sempre os damnos d'alma,
Pois dais a liberdade a tal brandura,
Que para dar mais males, da mais vida.